

colliquiuo
N:4 - October 1971

A VII BIENAL DE PARIS

A VII Bienal de Paris define-se, e muito bem, como uma «bienal de transição». «Esta palavra transição não significa que ela constitui um compromisso mas que ela abre largamente a porta para o futuro a numerosas possibilidades de evolução»; por estas palavras o comissário-geral da exposição, Georges Boudaille, faz com que a manifestação parisiense assuma uma responsabilidade nova em face dos problemas que tais exposições estão a pôr, há muito tempo já, embora num voluntário clima de surdez cultural. E verdade é que a VII Bienal assume bem a responsabilidade que dela se esperava — ou não esperava já, depois da crise engendrada no «Mai 68».

«Bienal de transição», ela suporta ainda o peso duma convenção de «países representados» — mas para romper as fronteiras que entre tais representações oficialmente se estabeleciam. Rompe-las da única maneira possível que é através duma temática que englobe ou separe as ditas representações, numa realidade culturalmente actuante. Já, em outro artigo, chamei a atenção para o anonimato das nações evoluindo para o anonimato dos próprios artistas presentes. Para além dos nomes, dos países e dos artistas, estão as posições estéticas que comandam e dão sentido à exposição. Uma história de arte sem nomes de artistas, como já foi desejado, é pela primeira vez possível de elaborar nesta «bienal (também por isso, talvez...) de transição»... A corrida aos prémios e aos destaques nas bienais-certames de São Paulo ou de Veneza não tem sentido aqui; melhor: prova, aqui, não ter mais sentido. E o futuro que G. Boudaille vê abrir-se para bienais (ou outras exposições internacionais) não pode deixar de passar por esta colectivização de problemas e

de sonhos, de atitudes e de presenças.

Três grandes secções se definem na VII Bienal de Paris: «Conceito», «Envios», «Hiper-realismo» e «Intervenções», as duas primeiras ligadas por uma identidade «conceptual». Uma quarta secção, «Opção 4», marca o conjunto dos envios que nada tinham que fazer na Bienal tal como fora programada mas que foram aceites por diplomática cortesia para com os países originários — cuja evolução artística permanece afastada dos movimentos maiores acolhidos, ou nos quais esses movimentos sequer existem; trata-se, nesse caso, de «obras que beneficiaram dos favores dos comissários dos respectivos países». Assim declarando, o catálogo diz o que quer dizer — e os textos habituais, ingénuos ou «passe-partout», dos comissários em causa foram relegados para o fim do catálogo, em enfiada alfabética, indesejáveis na festa que é muito outra...

E de festa há que falar, numa crítica genérica da bienal parisiense. Festa tal como modernamente pode ser entendida, em total empenho de conceitos, corpos, ambientes — em termos de «conceptual art», «body art», «earth art»...

Articuladas, as secções de «Conceito» e de «Envios» classificam duas situações dum mesmo fenómeno de comunicação — directa ou indirecta, por assim dizer. No primeiro caso, o conceito, a «idea as an idea as an idea» é proposto em termos reflexivos, conducentes a uma realização aleatória e para além de um código qualquer de leitura formal, em que prática-artística e teoria-artística deixam de se opor e antes se **consubs-tancializam**; no segundo caso, o conceito é transmitido a distância, como uma mensagem pessoal, propositamente individualizada, e a «mail

thing [θɪŋ] n. Chose f.; objet m.; *the big things in the room*, les gros objets de la pièce. || Pl. Vêtements, habits m. pl.; affaires f. pl. (clothes). || Pl. Outils, ustensiles m. pl. (implements); *tea things*, service à thé. || JUR. Pl. Biens m. pl.; *things personal*, biens mobiliers. || COMM. *It's not the thing*, ça ne se fait pas, c'est passé de mode; *the latest thing in hats*, chapeau dernier cri. || FIG. Chose f.; *as things are*, dans l'état actuel des choses; *for one thing*, tout d'abord, et d'une; *for another thing*, d'autre part, et de deux; *it's just one of those things*, ce sont des choses qui arrivent; *it would be a good thing to*, il serait bon de; *not a thing has been overlooked*, pas un détail n'a été négligé; *the thing is to succeed*, la grande affaire (or) le tout c'est de réussir; *that's the very thing*, c'est juste ce qu'il faut; *to expect great things of*, attendre monts et merveilles de; *to make a good thing out of*, tirer profit de. || FAM. Etre m. (person); *poor little thing*, pauvre petite créature. || FAM. Truc; machin m. (thingumabob). || FAM. *How are things?*, alors comment ça va?; *not to feel quite the thing*, se sentir patraque; *to know a thing or two*, connaître le bout de gras, être à la coule.

JOSEPH KOSSUTH/«THING»/1967